

EDITORIAL

A presente edição da “Estudos Nietzsche” apresenta pelo menos duas faces da pesquisa sobre Nietzsche realizada no Brasil: uma, que trabalha a partir da elucidação interna à obra de conceitos importantes do pensamento de Nietzsche e outra que se apropria de Nietzsche para pensar junto com ele problemas de nosso tempo, o qual não é mais, de alguma forma, o tempo dele. Em especial, para pensar o Brasil.

Essas duas faces não são excludentes, nem contraditórias, muito menos incompatíveis com padrões internacionais de pesquisa em filosofia, mesmo se tratando da de Nietzsche. Se, por um lado, a explicitação conceitual e interna precisa estar sempre na ordem do dia, uma vez que ela constitui, de todo modo, uma base mais firme, que possa evitar a especulação desprovida de fundamentos, a segunda, por sua vez, que denominei aqui por falta de uma palavra melhor de “apropriação”, não pode ser confundida com a versão mais simplificada, embora sempre lembrada, de que o pensamento de Nietzsche pode servir como uma “caixa de ferramentas” – a referência a essa célebre expressão de Foucault é inevitável nesse caso - para ser usada ao sabor da imaginação ou dos propósitos de cada um.

Como exemplos do primeiro caso, encontramos aqui os trabalhos de Clademir Araldi, Ricardo Dalla Vecchia e Arthur Brito Neves, e Leonardo Silva. Araldi, pesquisador e professor experiente, com um trabalho bastante consolidado, nos apresenta tanto uma tradução dos póstumos de Novembro de 1887 a Março de 1888 quanto, conectado a essa tradução, discute num artigo que se segue a esta, as razões que levaram Nietzsche a abandonar o projeto de escrever um livro denominado *Der Wille zur Macht, A vontade de poder*. Um livro, como se sabe, que acabou sendo publicado, ou melhor “inventado”, às expensas do próprio Nietzsche, por sua irmã e colaboradores do Arquivo Nietzsche, após a morte do filósofo. Arthur Brito Neves e Ricardo Dalla Vecchia, por sua vez, que têm concentrado suas pesquisas nos últimos anos em *Humano, demasiado humano*, nos mostra o quanto a relação de Nietzsche com Kant aparece nesse livro a partir de uma discussão sobre o lugar, o papel e a função da matemática, se constituindo, dessa forma, numa contribuição bastante original à pesquisa brasileira sobre Nietzsche. Mas, também sobre as repercussões de um aspecto fundamental do kantismo na segunda metade do século XIX. Por fim, Leonardo Silva a partir de minuciosa reconstituição, nos mostra o quanto as dimensões do corpo, seja como *Körper*, seja como *Leib*, na passagem dos chamados período intermediário para o terceiro período da obra Nietzsche, fornecem elementos fundamentais para a compreensão de sua obra. Com isso, o autor pretende deslocar para a questão do corpo a ênfase concedida por inúmeros intérpretes à vontade de poder.

Como representantes da outra face, à qual me referi há pouco, encontramos os artigos de Henry Burnett Jr., Wander de Paula e Thiago Mota, os quais, de maneiras diferentes, mostram o quanto podemos pensar o Brasil junto com Nietzsche. No seu artigo, Burnett nos mostra o quanto Nietzsche ocupou, no debate a propósito do modernismo brasileiro na literatura, um lugar fundamental. Seu ponto de partida é a obra de Monteiro Lobato e sua recepção imediata, em especial por Oswald de Andrade. É notório o quanto a investigação do autor, a partir, por exemplo, de um tema candente no Brasil das décadas de 1920 e 1930, o da nacionalidade, se conecta com o Brasil de hoje, o quanto esse tema se articula com posições progressistas, mas também com outras, reacionárias e mesmo fascistas. Thiago Mota e Wander de Paula, por sua vez, tomam Nietzsche, de forma ainda mais direta, como um interlocutor privilegiado para pensar questões candentes de nosso presente. O primeiro, ao discutir a questão da pós-verdade, num mundo no qual as *fake news* se tornaram o próprio lugar de enunciação da verdade, traz Nietzsche para esse debate para mostrar, entre outros, o quanto a discussão de Nietzsche sobre o problema da verdade pode nos encaminhar para uma outra ordem de problemas e servir não como ratificação do que se chama “pós verdade”, mas principalmente para a sua crítica. Do mesmo modo, Wander de Paula, associando uma reflexão sobre o niilismo ao mecanismo freudiano da “negação”, procura entender o quadro de “negacionismo” instaurado no Brasil durante a pandemia, que ainda vivemos, sem cair na armadilha facilitadora do exercício de uma “psicologia das profundezas” ingênua e precipitada, ao inserir as perspectivas de Nietzsche e Freud numa quadro histórico, social e político que é o nosso e não é mais inteiramente o deles.

Duas faces de uma mesma moeda? Certamente sim! Duas faces que nos mostram, antes de mais nada, o quanto a pesquisa brasileira sobre Nietzsche continua cada vez mais qualificada.

Belém, 2021

Ernani Chaves